



A Culpa é do PT: o Escândalo do Mensalão em Revistas Semanais¹

Vevila Junqueira da Silva²
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

Resumo

Este artigo apresenta o resultado da dissertação de mestrado intitulada “O Escândalo do Mensalão em revistas semanais: uma análise de enquadramento”, que analisou as narrativas jornalísticas de 51 matérias de quatro revistas semanais no período de 13/06/2005 a 21/09/2005. Entre os três agentes estudados na pesquisa através da análise de enquadramento – Lula, o governo e o Partido dos Trabalhadores (PT) – vamos focalizar especificamente este último. No estudo que serve de referência a este artigo, Lula foi um dos agentes mais referidos, com abordagens plurais, sendo possível detectar enquadramentos que classificamos como “pró-Lula” ou “anti-Lula”. Neste artigo, tratamos do que entendemos como o único enquadramento consensual entre as revistas: a imputação de responsabilidade ao PT.

Palavras-chave

Revistas semanais; Enquadramento; Mensalão.

Introdução

No dia 6 de junho de 2005, o jornal *Folha de São Paulo* estampou a manchete “PT dava mesada de R\$ 30 mil a parlamentares, diz Jefferson”. Foi o estopim de um escândalo político midiático que dominou os veículos de comunicação nos meses seguintes, capaz de causar forte abalo político e institucional, e cujos protagonistas foram o PT, o governo e o presidente Luiz Inácio Lula de Silva.

A dissertação de mestrado intitulada “O Escândalo do Mensalão em revistas semanais: uma análise de enquadramento” (SILVA, 2008) analisou as narrativas jornalísticas das quatro principais revistas semanais brasileiras – *CartaCapital*, *Época*, *Istoé* e *Veja* – no que diz respeito às construções textuais e angulações concernentes a episódios do “Escândalo do Mensalão”, interpretando como os textos foram construídos, com base na teoria do enquadramento.

¹ Trabalho apresentado em Divisões Temáticas DT 1 – Jornalismo, no XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste.

² Graduada em Comunicação Social / Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista (Unesp-Bauru).



Os elementos que nortearam as representações dos acontecimentos foram bem demarcados por um rico contexto do ponto de vista analítico: por um lado, envolveram denúncias de corrupção capazes de controverter concepções consabidas a respeito da chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder. Além disso, a mídia operou em consonância com a teoria dos escândalos políticos midiáticos de Thompson (2002), sobretudo atacando a cota de reputação e confiança dos agentes envolvidos.

Neste artigo, vamos dar destaque às construções textuais e angulações relativas ao Partido dos Trabalhadores, que evidenciam um tratamento, por parte das revistas, de atribuição de culpa à legenda.

Teoria dos escândalos políticos

Este trabalho propôs o uso da teoria do escândalo político midiático, de John B. Thompson (2002), como suporte para o estudo de “Escândalos Políticos Midiáticos”, aliado à análise de enquadramento. Uma análise anterior (SILVA, 2007) apontou que a mídia, em situações de escândalo político midiático, está propensa a explorar as vulnerabilidades do homem político, que precisa construir uma imagem pública calcada na reputação e confiança. Nesse cenário, o poderio midiático opera para atacar justamente as fontes de poder simbólico que estão em jogo quando eclode um escândalo político.

No seu intento de desenvolver uma explicação analítica do escândalo político e delinear uma teoria social de suas condições e conseqüências na contemporaneidade, Thompson (2002) conceitua o escândalo político como “lutas pelo poder simbólico em que a reputação e a confiança estão em jogo” (THOMPSON, 2002, p.296). O autor aponta uma série de fatores que constituem o conjunto de forças relativas ao contexto em que essa “batalha” por gerir as “cotas” de reputação e confiança ocorrem.

A respeito do “Escândalo do Mensalão”, a maneira pela qual a crise se apresentou (denúncia na mídia) e se desenrolou (publicização midiática e modo de desaprovação midiático) a caracterizou como um Escândalo Político Midiático. Nesse sentido, as reportagens trataram o tema da forma prevista na perspectiva da teoria social do escândalo.

A análise do referido autor foi usada como diretriz para nortear o trabalho, sendo encontrados elementos que, de maneira geral, configuram os escândalos políticos, como a representação midiática a respeito do empenho das figuras envolvidas em



dissociar-se das “más companhias” e o foco na representação das reações dos adversários políticos frente ao malogro do concorrente. A Teoria do Escândalo Político enfatiza ainda, entre outros aspectos apontados por Thompson (2002), a propensão da mídia em reforçar e explorar o escândalo como um elemento que oferece ameaça à reputação e à confiança dos envolvidos, bem como o comumente encontrado desvio do foco de atenção para as chamadas transgressões de segunda ordem.

Conceito de enquadramento

Abordando de maneira crítica o jogo de interesses que permeiam a notícia enquanto produto de consumo, Cremilda Medina (1988) aponta que, com uma análise apurada, sempre será possível detectar tendências de angulação da empresa na codificação do jornalismo informativo. Para ela, a empresa está ligada a um grupo econômico e político que conduz o comportamento da mensagem – da captação do real à sua formulação estilística.

A percepção da existência de tendências de angulação nos dirige ao conceito de Gaye Tuchman (1978) de notícias como janelas, aberturas para o mundo, que através de seus enquadramentos oferecem às pessoas conhecimento sobre si mesmas e sobre os outros, sobre seus porta-vozes e líderes, sobre suas instituições e outros referenciais de interesse geral para atribuição de sentido. Esse sentido atribuído aos conteúdos midiáticos é importante tendo em vista o papel que os meios de comunicação de massa assumem na disseminação das informações do mundo contemporâneo e como o feito dado a essas informações afeta a opinião pública.

Um caminho para examinarmos que elementos tornam-se parte da construção do conteúdo jornalístico que nos é disponibilizado, ou seja, qual é a configuração, a forma, o feito do material que serve de subsídio para que o cidadão possa acompanhar acontecimentos políticos, está relacionado às perspectivas teóricas envolvidas na análise de enquadramento. O tratamento do aspecto da “seletividade” pode partir de uma nova abordagem de entendimento do “poder”.

Nesse sentido, Tuchman (1976), que define os acontecimentos noticiosos como estórias, acredita que a análise de enquadramento (*frame analysis*) pode ser uma aliada nos estudos dos princípios de organização que estão na base na seleção e definição dos acontecimentos noticiosos. Esta concepção de notícia como estória chama a atenção para o fato de a notícia ser uma realidade construída detentora da sua própria validade



interna. O conceito acadêmico de enquadramento diz que enquadrar envolve o ato de selecionar e de tornar saliente, distinguir, evidenciar. A usual definição de Entman (1993) reforça esse conceito:

[...] enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes num texto comunicativo de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação causal, avaliação moral, e/ou a recomendação de tratamento³ (ENTMAN, 1993, p. 52, tradução nossa)

Assim, a análise de enquadramento (*frame analysis*) evidencia orientações e relações sistemáticas que, inevitavelmente, estruturam os relatos. Estão em jogo critérios de noticiabilidade, permeabilidade às informações das fontes, necessidade de contar histórias de modo inteligível e interessante, formas de aparência dos acontecimentos sociais e políticos e outros fatores que moldam o funcionamento da mídia enquanto instituição ideológica.

Método e caracterização geral do conteúdo

O limite temporal do *corpus* do trabalho abrange as primeiras edições das referidas revistas que repercutiram as denúncias do então deputado Roberto Jefferson à *Folha de São Paulo* (LO PRETE, 2005) e suas catorze ou quinze edições subseqüentes, que se estendem até meados de setembro. Especificamente, as datas são, para *CartaCapital*, de 15/06/2005 a 14/09/2005 (14 edições); para *Época*, de 13/06/2005 a 19/09/2005 (15 edições); para a *Istoé*, de 15/06/2005 a 14/09/2005 (14 edições); e para a revista *Veja*, de 15/06/2005 a 21/09/2005 (15 edições).

No âmbito preliminar do trabalho, fizemos uma caracterização geral do conteúdo a ser estudado, através de uma leitura superficial de todo o *corpus* circunscrito no recorte temporal estabelecido. Nessa etapa, foram anotados todos os itens textuais, descartando-se as entrevistas, os editoriais, ensaios e outras manifestações que descaracterizassem a tradicional narrativa jornalística.

Foram levantados elementos textuais relacionados ao “Escândalo do Mensalão”, suas implicações e desdobramentos de 49 de matérias, boxes e infográficos

³ [t]o frame is to select some aspects of a perceived reality and make them more salient in a communicating text, in such a way as to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation.



da revista *CartaCapital*, 51 da *Época*; 99 da *Istoé*; e 82 da revista *Veja*, de forma a obter um panorama geral do material das revistas.

Após essa etapa preliminar, seguiu-se o que chamamos de uma catalogação das matérias julgadas produtivas do ponto de vista analítico, já em um sentido de qualificar, quantificar e classificar. Foram então escolhidas desse conjunto as “matérias-chave”. Deste modo, foram selecionadas 10 matérias da revista *CartaCapital*, 10 matérias da revista *Época*; 11 matérias da revista *Istoé* e 20 matérias da revista *Veja*⁴.

Ainda nessa etapa, com base em releituras e estudos que pudessem apontar os vieses mais produtivos, foram estabelecidos os “itens de observação” (aqueles que proporcionam maior potencial analítico) e construídas listas de substantivos (conceitos), adjetivos, expressões, frases e outros elementos que foram os dados para a análise descritiva.

O panorama desvelado nas fases anteriores indicou uma considerável conduta de imputação de responsabilidade por parte das revistas, que geraram “itens de observação” relacionados ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao governo e ao Partido dos Trabalhadores. Para cada um desses três agentes, dividimos as referências em “críticas / responsabilização direta”, “críticas / responsabilização indireta” ou “tratamento positivo”. Abordamos ainda os enquadramentos relacionados às denúncias (se eram tratadas como críveis ou se tinham sua veracidade questionada), os enquadramentos referentes à elite ou tese de conspiração (conceitos relacionados à esquerda política) e, ainda, como as revistas enquadraram a reação dos eventuais adversários políticos e da oposição constituída.

As categorias firmadas e a quantificação partiram dos próprios “itens de observação” estabelecidos. Foram montadas tabelas para cada uma das “matérias-chave” de todas as revistas. Ao todo, foram selecionadas 1035 expressões e frases das revistas aptos a serem categorizados. Em certos casos, algumas frases e expressões serviram a duas ou mais categorias⁵ e optou-se por usar esse recurso para não ter de desmembrar a frase e comprometer sua unidade de sentido.

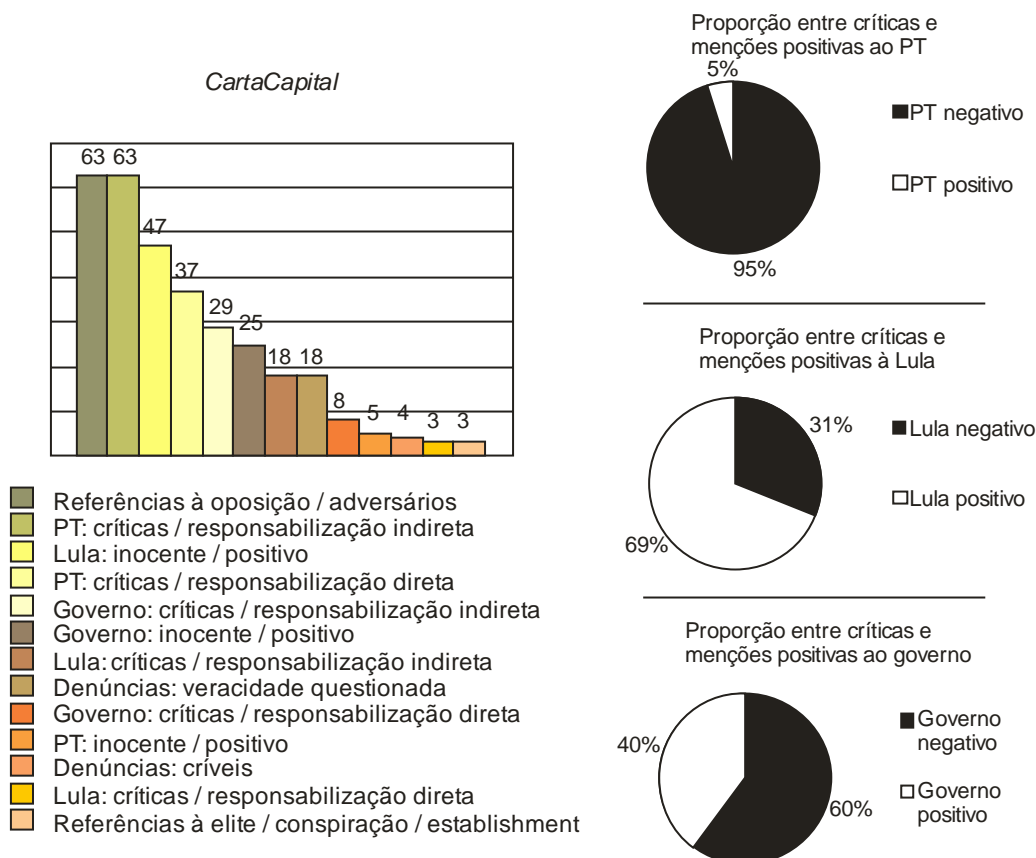
⁴ Embora a *Veja* não tenha sido, numericamente, a revista com maior número de matérias relacionadas direta e indiretamente ao “Escândalo do Mensalão” na fase de caracterização geral do conteúdo, foi ela que apresentou matérias mais diretamente ligadas ao fenômeno, por isso teve o dobro de “matérias-chave” das demais revistas. O número maior não afeta o resultado da pesquisa, colocada em termos percentuais e de proporcionalidade.

⁵ Nesse caso, as frases foram contabilizadas o número de vezes em que foram categorizadas, resultando na soma 1035.

A responsabilização do PT:

Com base em tabelas e gráficos de análises quantitativas, foi possível ranquear os “itens de observação” mais mencionados e, com base em análises qualitativas, estabelecer qual agente foi mais criticado e a qual agente foi imputada maior responsabilidade pelo escândalo político do Mensalão.

CartaCapital



Conforme indicam os gráficos relativos ao comportamento da revista, na mesma proporção de menções que faz à oposição, *CartaCapital* atribui a maior responsabilidade pela crise, indiretamente, ao PT, o que significa que a revista preferiu responsabilizar indivíduos ao invés de culpar a legenda. Os nomes citados são o do tesoureiro do PT, Delúbio Soares e do secretário-geral, Sílvio Pereira. A revista cita ainda o então ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu; o então presidente da legenda, José Genoino; e faz referências responsabilizadoras à “cúpula do PT”, a “integrantes do PT” e a “companheiros do PT”. Foram 63 menções do total de 323 da revista responsabilizando o PT indiretamente pelo Escândalo do Mensalão (19,5%), e



colocando a legenda como maior responsável pelo momento político atravessado, mais especificamente no sentido de destacar a presença de uma “banda podre” no partido.

Críticas genéricas ao PT, no entanto, não faltaram. Em termos quantitativos, a revista foi mais crítica e responsabilizou muito mais o PT (direta e indiretamente) do que o governo ou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O PT foi atacado ainda outras 37 vezes de forma direta pela revista, especialmente no que diz respeito à corrosão do patrimônio ético, ao distanciamento que o presidente Lula preferiu tomar da legenda, às desfiliações, e sendo colocado como principal alvo das denúncias de corrupção:

“[...] atingiu em cheio o patrimônio ético construído nos últimos 25 anos pelo PT [...]” (WEBER; LIRIO, 2005, p.26).

“Mas, se o presidente vai bem, o partido do presidente vai mal” (DIAS, 2005, p.28).

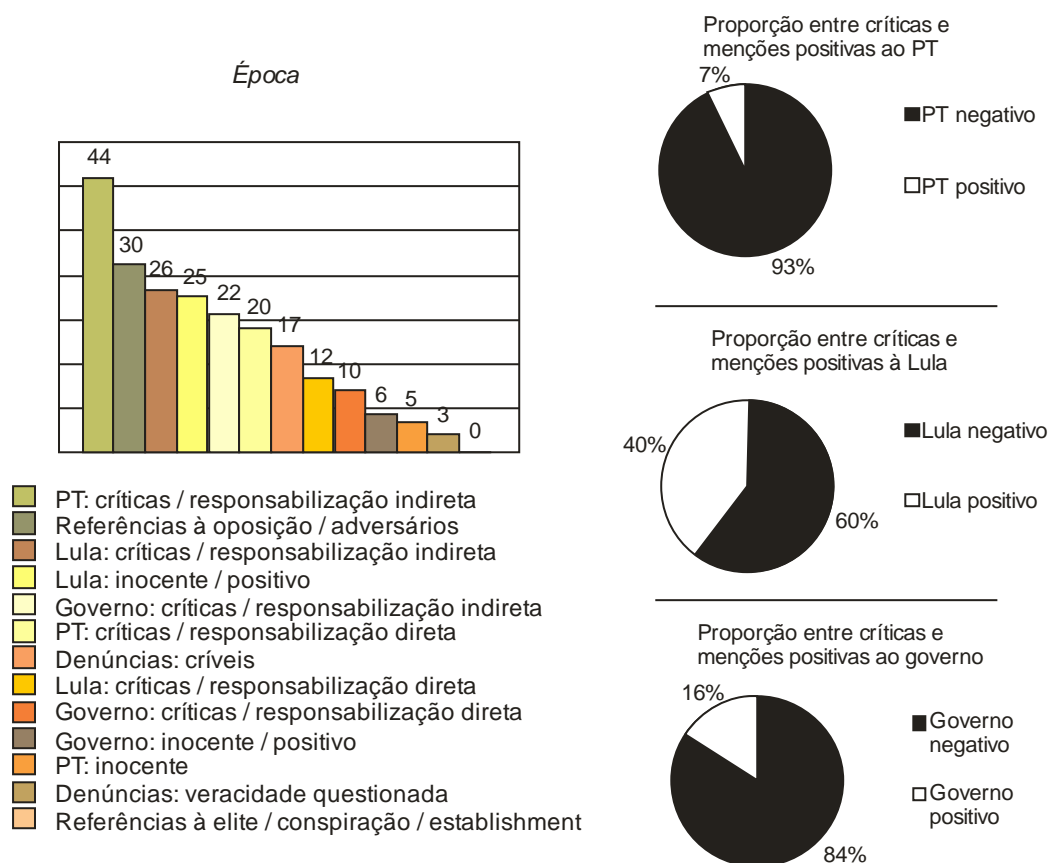
“Não sem razão teria ocorrido esse ‘deslocamento’ [de Lula em relação ao PT], na expressão usada no Palácio do Planalto” (DIAS, 2005, p.28).

“Metido no atoleiro, o PT deixou inconsolável uma órfã: a ética” (WEBER; DIAS, 2005, p.30).

Nos gráficos de setores (circulares), as referências da revista a cada um dos três agentes foram divididas em positivas ou negativas. Estas abrangem a soma de críticas e responsabilizações diretas e indiretas. O contraste entre enquadramentos positivos e negativos torna possível inferir que o enquadramento da revista com relação ao PT é o mais polarizado entre todos os agentes. A revista o enquadra negativamente 100 vezes e faz referências positivas apenas 5. Com relação a Lula, são 21 enquadramentos negativos contra 47 positivos (caracterizando uma postura que podemos chamar de pró-Lula), e, com relação ao governo, 37 negativos e 25 positivos.

Comparando-se a proporção entre críticas versus menções positivas a respeito de Lula, do PT e do governo, é possível inferir que o agente mais responsabilizado e que recebeu mais enquadramentos negativos por parte de *CartaCapital* foi o Partido dos Trabalhadores.

Época



O gráfico relativo ao comportamento da revista *Época* mostra que, em termos numéricos, a revista responsabiliza principalmente o Partido dos Trabalhadores pelo “Escândalo do Mensalão”, com 44 menções à sua responsabilidade indireta (20%). A revista cita o tesoureiro Delúbio Soares, o secretário-geral Silvio Pereira, José Genoíno, José Dirceu, e principalmente “dirigentes petistas”:

“Dirigentes do partido ouvidos por ÉPOCA contam que o clima de suspeitas e recriminações instaurado na cúpula petista é fruto da surpresa com o funcionamento do esquema” (MENDONÇA; BRUM, 2005, p.33).

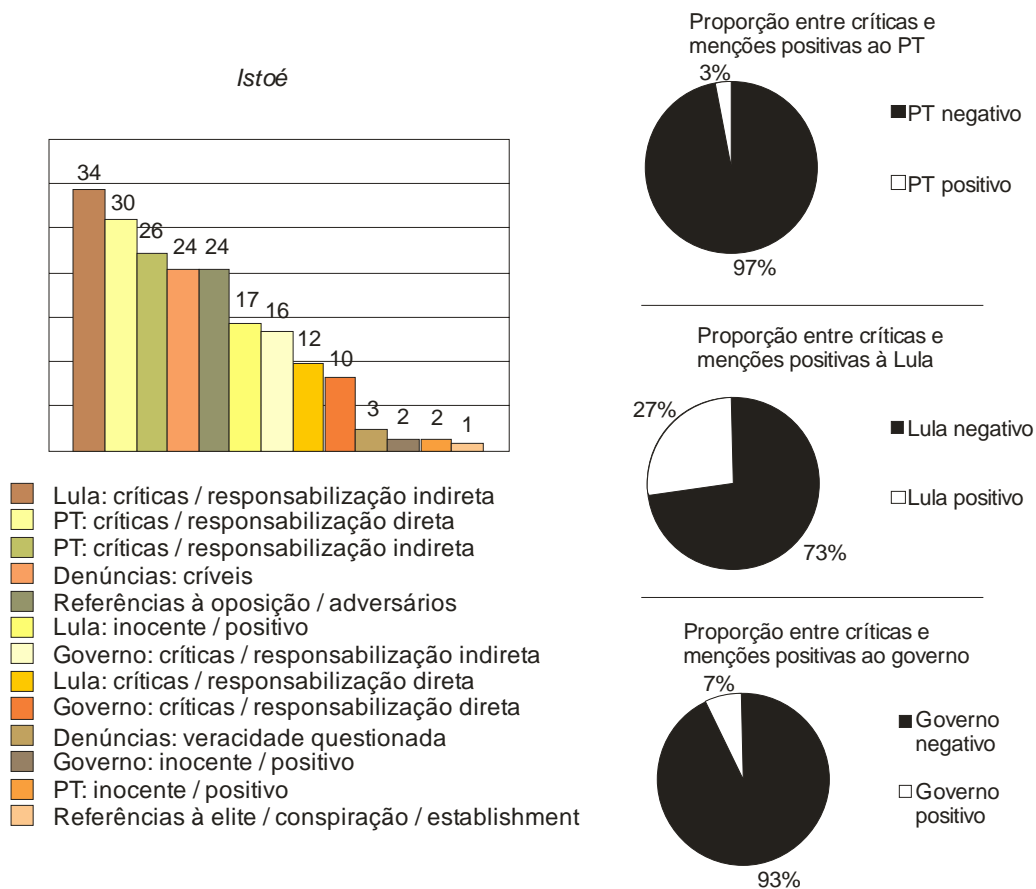
“Seus dirigentes [do PT] estão sob suspeita de terem montado um gigantesco esquema que envolveria corrupção e tráfico de influência” (MENDONÇA; BRUM, 2005, p.31).

“Para constrangimento do partido, seus líderes foram flagrados em mentiras sucessivas” (TRAUMANN; MEIRELES; MENDONÇA, 2005, p.33).

A revista *Época*, traz, proporcionalmente, grande número alusões à oposição, ficando em segundo lugar em termos das menções analisadas (30 referências ou 13,64%). Ela menciona atitudes estratégicas dos adversários e o reconhecimento, por parte da oposição, do potencial eleitoral de Lula.

O reforço de aspectos positivos de Lula (25 menções) está praticamente no mesmo patamar da quantidade de responsabilizações indiretas (26). Entre os treze itens analisados, o número de referências que responsabilizam Lula, indiretamente, pelo “Escândalo do Mensalão” fica em terceiro lugar (11,82%), seguido de referências positivas sobre o presidente (11,36%). A soma das referências negativas diretas e indiretas dos agentes em contraste com as positivas, indicadas pelos gráficos de setores, em branco e preto, mostra que é pouco acentuado o desnível entre o número de enquadramentos positivos relativos ao presidente (25) e o número geral de críticas (38), pendendo para enquadramentos mais críticos.

Istoé



A revista *Istoé* teve o presidente Luiz Inácio Lula da Silva como o principal alvo do “Escândalo do Mensalão”. A revista salientou 34 vezes aspectos desfavoráveis



relacionados a ele, em um conjunto de 201 frases ou expressões analisadas, um viés que representa 16,92% das referências, e que chamamos de responsabilização indireta do presidente. A revista destacou a considerável ameaça ao projeto de reeleição, o fato de ele ter tomado conhecimento e não ter agido, a demora em implementar a reforma ministerial, a falta de foco em suas ações e o fato de ter precipitado a campanha eleitoral, entre outros.

Ainda de acordo com os números levantados, o PT aparece como segundo e terceiro colocado em termos de críticas e responsabilização, tendo sido destacado o seu comprometimento direto 30 vezes e o seu comprometimento indireto 26, numa soma que em termos percentuais atinge 27,86% dos enquadramentos da revista. *Isto é* destacou principalmente o sentimento de incredulidade causado pelo envolvimento do PT em denúncias de corrupção, a degradação da bandeira ética tida como marca do partido, a ameaça de contaminar a imagem do presidente Lula e o sentimento de vergonha e constrangimento dos petistas:

“[...] o Brasil começou a se debater com uma dúvida impensável na crônica corrupção que assola o País: até tu, PT?” (COSTA; CUNHA, 2005, p.28).

“O governo vai sangrar, como já sangra o PT, com sua mística e sua história, perante o desencantado eleitor brasileiro” (COSTA; CUNHA, 2005, p.30).

“[...] mas a perda do estandarte ético no lamaçal do ‘mensalão’ pode ser uma trombada fatal com sua história e sua militância mais fiel” (COSTA; CUNHA, 2005, p.32).

“Sem interlocutores dentro de seu partido, Lula trata de refazer as pontes para evitar que o PT se transforme na principal pedra a ser atirada nas vidraças do Planalto” (COSTA, 2005, p.33).

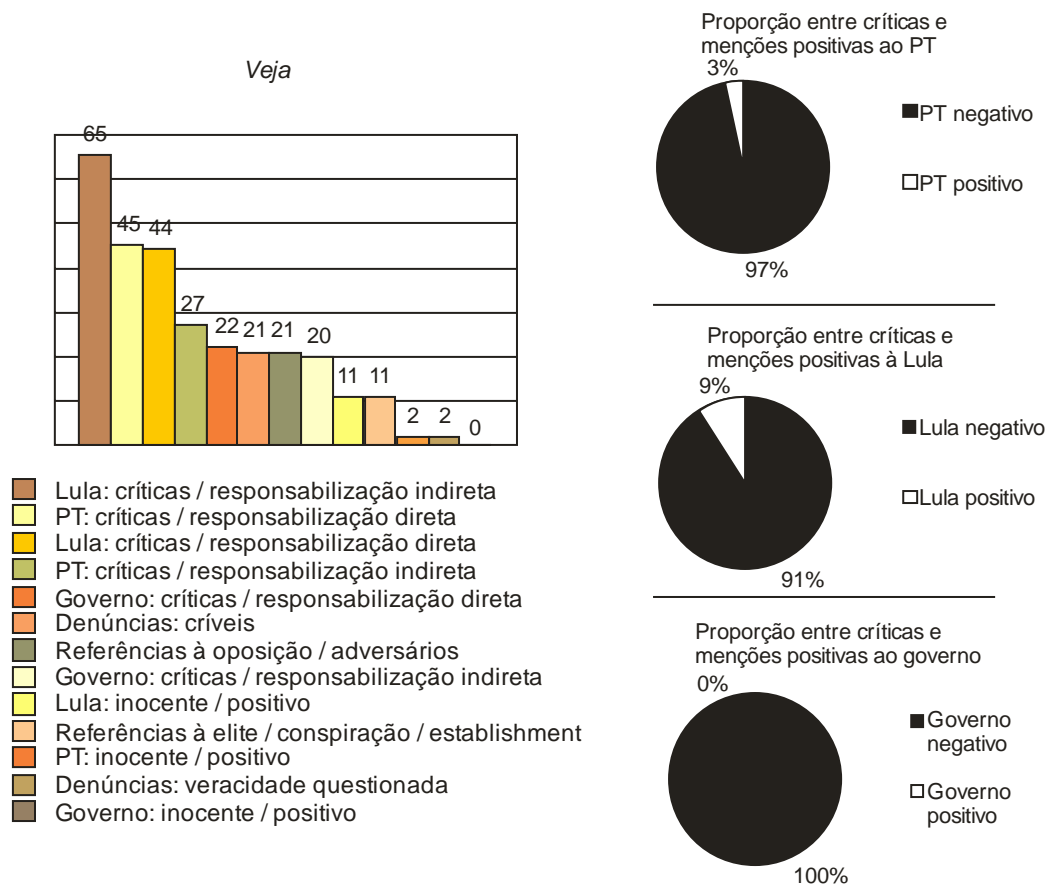
“O presidente atribuiu a crise política a erros do PT e ao sistema de financiamento das campanhas eleitorais, que seria permeável à corrupção” (RIBEIRO JR; FILGUEIRAS, 2005, p.30).

“Chocado, o PT foi às lágrimas no plenário da Câmara” (CUNHA, 2005b, p.31).

Dentro do universo de todas as menções analisadas a respeito do PT da revista *Istoé*, 97% foram negativas e apenas 3% positivas.

Com relação aos atributos e responsabilização do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a revista apresentou, do total de menções analisadas, 73% negativas e 27% positivas. Conforme foi dito, a revista ressalta, principalmente, aspectos de incompetência do presidente (transgressão de segunda ordem). Com relação à culpa direta, ele chega a ser mais inocentado (17 menções) do que culpado diretamente (12). Em defesa de Lula, a revista diz que ele se comprometeu a “cortar na própria carne”, que ele obrigou o PT a “engolir” a CPI, que ele “entregou a cabeça de seu primeiro-ministro” e que ele recebe apoio de “companheiros” e movimentos sociais.

Veja



A postura de *Veja* foi a mais polarizada de todas as revistas com relação ao PT, ao governo e ao presidente Lula, conforme indicam os levantamentos feitos no estudo que serve de base a este artigo.



O posicionamento mais radical e polarizado de *Veja* foi com relação ao governo (42 menções negativas e nenhuma positiva), embora isso não se configure como o principal aspecto dos enquadramentos da revista, pois, em comparação com os agentes estudados, o governo foi o menos mencionado (total de 120 menções ao presidente Lula, 74 ao PT, e 42 ao governo).

Em termos percentuais, a revista *Veja* foi a que mais apresentou aspectos negativos em relação ao presidente da República, com 37,46% de enquadramentos nesse sentido (do total de 291 frases selecionadas, 109 foram menções negativas a Lula):

“A afirmação de que Lula não sabia de nada está se tornando dramaticamente inócua, pois o volume da roubalheira é tal que sua simples ignorância sobre os fatos já começa a comprometê-lo” (CHOQUE, 2005, p.64).

“As vaias a Lula rompem um dique de popularidade e carisma que outrora pareceu tão sólido – e de cuja robustez nenhum outro presidente da era democrática desfrutou” (CABRAL, 2005a, p.84).

A diferença é considerável se compararmos com a revista que menos enquadrado negativamente o presidente: *CartaCapital*. Do volume textual de *CartaCapital*, apenas 6,5% das menções foram nesse sentido.

A respeito do PT, a revista *Veja* o ataca diretamente, tendo como alvo a reputação da legenda e atribuindo responsabilidade à sigla de modo geral:

“Alvejado pela acusação de comprar deputados com mesada de 30 000 reais, o PT vê desmoronar seu discurso ético [...]” (CABRAL, 2005b, p.53).

“[...] senta agora no banco dos réus [a legenda] para ser acusada de carregar a mala preta, imagem-síntese da roubalheira nacional, para corromper e subornar políticos” (CABRAL, 2005b, p.54).

“As denúncias de Roberto Jefferson [...] já acertaram o coração do PT (...) e – o que é ainda mais grave – podem fazer sangrar o Palácio do Planalto” (CABRAL, 2005b, p.54).



Consenso de culpa do PT

O Partido dos Trabalhadores foi o agente que mais teve enquadramentos de imputação de culpa pelas revistas na repercussão do “Escândalo do Mensalão”. É possível dizer que o PT não foi o mais mencionado entre os três agentes – Lula, PT e governo⁶ – mas, além de ter recebido mais críticas, o PT foi, de fato, responsabilizado.

Qualitativamente, é possível inferir que a legenda foi responsabilizada indiretamente por *CartaCapital* e *Época*, que preferiram ressaltar o papel de membros específicos, destacando o que chamamos de a “banda podre”, podendo ainda essa conduta ser evocada como referência às “más companhias” de Thompson (2002).

As revistas *Istoé* e *Veja*, por sua vez, atacaram diretamente o PT, tendo como alvo a reputação da legenda e atribuindo responsabilidade à sigla de modo geral.

Considerando o conjunto das quatro revistas, observamos abordagens que consideramos plurais com relação ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. *Veja* apresentou uma postura que classificamos de “anti-Lula” e *CartaCapital* apresentou uma postura “pró-Lula”. Se fosse estabelecida uma escala colocando nos extremos *CartaCapital* (“pró-Lula”) e *Veja* (“anti-Lula”), em termos de enquadramentos negativos do presidente, a revista *CartaCapital* se posicionaria no extremo esquerdo (6,5%), com menor percentual, sendo sucedida por *Época* (17,27%), *Istoé* (22,89%) e *Veja*, na extrema direita, com maior percentual: 37,46%.

Com relação ao PT, o conjunto das quatro revistas apresentou uma postura bastante crítica e responsabilizadora. Consensualmente, o PT foi bastante criticado sem a contrapartida de um ponto de vista divergente (favorável, no caso).

Essas constatações reiteram nosso entendimento de que, ainda que persigam regras de isenção, imparcialidade e objetividade, os veículos de comunicação constroem seus discursos em contextos históricos, ideológicos e institucionais que deixam marcas nos conteúdos. A gama de interesses que permeia a publicização do poder não pode deixar de ser considerada como elemento balizador no momento em que se imprime determinado ponto de vista à construção da narrativa jornalística.

⁶ A respeito dos três agentes, do total de 1035 expressões de todas as revistas analisadas, 30,34% referiam-se a Lula, 29,57% ao PT e 16,43% ao governo. E ainda 13,33% referiam-se à oposição e adversários, 6,38% trataram as denúncias como críveis, 2,51% questionaram a veracidade das denúncias e 1,45% das menções foram referências à elite e tese de conspiração política.



Referências bibliográficas

CABRAL, Otávio. A pátria mandou recado. *Veja*, São Paulo, n. 37, p. 84-85, 14 set. 2005a.

CABRAL, Otávio. O PT assombra o planalto. *Veja*, São Paulo, n. 24, p. 52-63, 15 jun. 2005b.

CHOQUE de realidade. *Veja*, São Paulo, n. 33, p. 56-57, 17 ago. 2005.

COSTA, Florência. Punhaladas. *Istoé*, São Paulo, n. 1865, p. 31-33, 13 jul. 2005b.

COSTA, Florência; CUNHA, Luiz Cláudio. Desencanto petista. *Istoé*, São Paulo, n. 1861, p. 26-36, 15 jun. 2005.

CUNHA, Luiz Cláudio. Lula reforça a blindagem. *Istoé*, São Paulo, n. 1870, p. 26-32, 17 ago. 2005b.

CUNHA, Luiz Cláudio. Querosene na fogueira. *Istoé*, São Paulo, n. 1863, p. 30-34, 29 jun. 2005a.

DIAS, Mauricio. O fator reeleição. *CartaCapital*, São Paulo, n. 350, p. 24-28, 13 jul. 2005.

ENTMAN, Robert M. Framing: Toward Clarification of Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, n. 43, v. 4, p. 51- 58, 1993.

LO PRETE, Renata. Jefferson denuncia mesada paga pelo tesoureiro do PT. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 06 jun. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0606200502.htm>>. Acesso em: 28 abr. 2009. Acesso exclusivo para assinante da Folha de S. Paulo ou UOL.

MEDINA, Cremilda. Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

MENDONÇA, Ricardo; BRUM, Eliane. Era uma vez o PT. *Época*, São Paulo, n. 373, p. 30-35, 11 jul. 2005.

RIBEIRO JR, Amaury; FILGUEIRAS, Sônia. A hora do pânico... ..do pesadelo... ..do desconhecido. *Istoé*, São Paulo, n. 1867, p. 26-29, 27 jul. 2005.

SILVA, Vevila Junqueira da. O mensalão inserido na teoria dos escândalos políticos midiáticos de Thompson. In CARDOSO, Clodoaldo M. (Org.) *Diversidade e igualdade na comunicação - coletânea de textos do Fórum da Diversidade e Igualdade: cultura,*



educação e mídia. Bauru: FAAC/Unesp, SESC, SMC, 2007. Disponível em:
<<http://www.faac.unesp.br/publicacoes/anais-comunicacao/textos/22.pdf>>. Acesso em:
29 abr. 2009.

SILVA, Vevila Junqueira da. O escândalo do mensalão em revistas semanais: uma análise de enquadramento. 140 f. Dissertação (Mestrado)– Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2008.

THOMPSON, John B. O escândalo político: poder e visibilidade na era da mídia. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRAUMANN, Thomas; MEIRELES, Andrei; MENDONÇA, Ricardo. Dinheiro sujo abasteceu PT. *Época*, São Paulo, n. 375, p. 30-34, 25 jul. 2005.

TUCHMAN, Gaye. Contando estórias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*. Lisboa: Vega, 1993, p.258-262. Reedição de: TUCHMAN, Gaye. *Telling Stories*. *Journal of Communication*, v. 26, n. 4, 1976.

TUCHMAN, Gaye. *Making News: a study in the construction of reality*. New York: The Free Press, 1978.

WEBER, Luiz Alberto; DIAS, Mauricio. Rastros na lama. *CartaCapital*, São Paulo, n. 354, p. 30-33, 10 ago. 2005.

WEBER, Luiz Alberto; LIRIO, Sergio. A sombra do mensalão. *CartaCapital*, São Paulo, n. 346, p. 26-30, 15 jun. 2005.